

# Notícias de Barcelos

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO — DR. MATOS GRAÇA

Redacção e Administração  
RUA INFANTE D. HENRIQUE  
BARCELOS

Chefe da Redacção e Editor — João Pereira da Silva Correia

PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão  
TIPOGRAFIA MARINHO  
Telefone 123 — BARCELOS

## NATAL! NATAL!

## NATAL

Uma das mais lindas e comoventes tradições cristãs é, sem dúvida, a festa da Natividade de Jesus, festa de amor e carinho—o doce mistério do Natal!

Todos nós sentimos uma força oculta, nessa abençoada Noite, que nos subjuga e nos faz pensar na suprema aparição—a aparição do Filho de Deus, o Verbo encarnado, que tomando a nossa natureza humana em troca nos torna participantes da sua divindade e, assim, nós, pobres pecadores, tornamo-nos, filhos de Deus!

Este é o grande mistério e a grande graça do Natal de Jesus, que só o Amor, e amor infinito de Deus, pode explicar.

Em cada Natal é como se Jesus Cristo nascesse em nós e em nós ficasse a viver.

Natal! palavra mágica que nos lembra a mais sublime lição de humildade—o nascimento do Filho de Deus, o rei dos reis, numa pobre gruta de Belém, reclinado em mísera mangueira.

Natal! Natal! Todos tem a sua Noite de Natal, quer seja passada entre risos e flôres com conforto e felicidade, quer ao relento, tendo as estrelas por companheiras e a lua por confidente, quer ainda em escuro e torturante cárcere.

Natal! Festa de todos os lares! Noite santa e de ventura para uns, mas de dor e sofrimento para muitos, em que os espinhos se tornam mais acerbos para dilacerar a alma.

Recordações! Amarguras! Mas Jesus, que é infinitamente misericordioso, lá está para velar por aqueles que choram e sofrem.

Noite de Natal! A neve cai de mansinho espalhando por toda a parte o seu alvo manto, como benção celestial para trazer a paz ao mundo e aos corações angustiados.

Repicam os sinos festivamente!

Nasce Jesus, o Enviado do Senhor!

Erguem-se preces ao Céu, entoam-se cânticos e hinos em louvor do Deus Menino.

Os corações rejubilam e até os pobresinhos, os irmãos de Jesus ainda na pobreza, sentem-se menos desamparados, menos desprotegidos na sua penosa existência, porque o Salvador está com eles.

Esta vinda de Jesus ao mundo é um delicioso poema de amor e caridade desta linda noite de Natal sem par! Deus seja bendito!

Natal de Jesus de 1940.

MARIA DA GLORIA PEDRAS

Padroeira de Portugal

O dia 8 de Dezembro, «Dia da Padroeira de Portugal» foi festejado solenemente em toda a pátria portuguesa.

Em Lisboa, houve um solene pontifical na Sé e a essa imponente cerimónia assistiram o Chefe do Estado, S. A. a infanta de Bragança, membros do Governo e todos os prelados portugueses.

Sua Eminência o sr. Cardial Patriarca na eloquente homilia que pronunciou e foi radiofundida pela Emissora Nacional para todo o Mundo Português, afirmou: «Ninguém pode duvidar que Portugal, desde que nasceu, tomou sempre a Virgem Santíssima por Mãe».

Poucos dias faltam para cada um marcar na sua vida uma recordação de um tempo que passou e ainda volta a aparecer com o mesmo colorido, como se nunca tivesse fim o fluido que fertilizou a vida.

No peito de cada um, na torre alta do Lar onde a família encontra a vivacidade dos grandes dias, o carrilhão vibra de sons mais variados, desde as notas agudas dos mais novos até aos sons mais graves dos que na vida amalgamaram a alegria com a dor.

E' o Natal.

De longe, de perto, de ao redor, cada um traz a aleluia da sua Alma que mais vem engrinaldar de cores fortes o quadro da *Família em Festa*.

No grande Altar onde o Amor tem o culto que divinisa a Família, acendem-se luzes e enche-se de flôres, rodeando de esplendor os corações que geraram o quadro e deram vida à tela.

Podem ser modestos os liames a prenderem almas em adoração, mas são fortes e belos, tecidos por dias e noites em esperança, fortalecidos nas horas de saudade.

Luxuosos e brilhantes serão os grilhões dourados dos que na vida se prenderam, alteando o Sol que a todos tem iluminado e aquecido, dando esplendor que por todos é visto.

Mas uns e outros, nesta hora alta de Amor, tem o mesmo quilate, vibram na mesma agudeza de som, encantam pela mesma beleza de sentimento, fascinam pelo mesmo encanto de ternura.

Natal.

Todos que tem coração e por ele vivem uma vida de Amor, sintetizam nesta palavra tão pequenina um grande Mundo de afecto; palavra tão pequenina mas que move o Mundo inteiro, levando à concentração dos corações que ainda tem raízes a sorver a seiva que os germinaram.

Raro a frialdade gela o ambiente na noite de Natal; só se a desventura bruma de escuro a pequenina cela onde estão acorrentados os que a ela vieram na continuidade da vida; ou a desgraça forrou de negro o Lar onde o numero decresceu, deixando um vazio que fez ruir a felicidade.

Para esses o Natal é dia que nunca o Sol devia iluminar, nem as luses e o lume deviam fazer avivar.

Para eles, a nossa Alma, ao bater-lhes à porta, deixa-lhes o consolo que Deus manda para os que sofrem, para os desventurados.

Para os outros, a quem no Lar a felicidade ilumina e aquece, clareando fortemente as horas da *Festa da Família*, nós vimos desejar-lhes as maiores venturas.

Natal de 1940.

## NOTAS DE LISBOA

9 DE DEZEMBRO

Embora já terminada a 3.<sup>a</sup> *Semana da Mãe*, quando estas Notas se publicarem, não deixa de vir a propósito o lembrar ao que visa essa realização da *Obra das Mães pela Educação Nacional*.

O fim da *Semana da Mãe* é glorificar a dignidade de Mãe, na função natural da mulher que se casa, e como educadora da prole, e isto consoante o modelo que sempre mais ou menos o foi das famílias portuguesas—o modelo da Sagrada Família de Nazaré.

Prova a experiência de todos os tempos, que, na sua pureza cristã, e na solidez dos seus laços, é o Lar o que for a Mulher, como sua Rainha, e por natureza, conforme a criou Deus, capaz de todos os sacrifícios obscuros, com os quais só ela, boa esposa e mãe, pode impedir que se desfaça o Lar. Entre dificuldades enormes de vida, é ela que, sendo boa dona de casa, mantém equilibrada a economia do Lar; e que alimenta o amor dos seus membros, com o seu amor, mesmo entre os desvários dos chefes.

Portanto, benvido é tudo o que se já acarinhava a dignidade de Mãe, nela própria, nos filhos, e nas futuras mulheres, visto que assim é proteger eficazmente o Lar. Uma esposa que se não furta à dignidade de Mãe, e assim aceita os sacrifícios inerentes, salva o Lar da podridão dos de mera conveniência material ou baixo prazer, e é fonte de vida, e dela pode esperar a Pátria os que a prolonguem no futuro.

Louvemos, pois, a *Obra das Mães pela Educação Nacional*, e desejemos que não esmoreça no seu salutar esforço de cristianizar os lares—única forma de fortalecer a Família, consoante a doutrina do Estado Novo, e os imperativos do ressurgimento nacional.

\* \* \*

Num pontifical soleníssimo, celebrado por Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca, na Sé, foi de novo consagrado Portugal à sua Excelsa Padroeira, no dia de ontem, dia da Imaculada Conceição.

Conforme o desejo do nosso Episcopado, e porque assim se correspon-

CONTINUA NA 3.<sup>a</sup> PAGINA

## DR. FURTADO MARTINS

Continuado do número passado

Eis em meu entender, como deve ser vista a data de hoje e como se deve explicar o milagre da nossa Restauração; explicação bem necessária, pois revoltamo-nos contra uma Espanha desmedidamente mais forte que nós, *embora muitas aspirações de independência lavrassem no vasto reino de Filipe IV*.

De então para cá, a lição continua; Portugal tem estado à altura da sua missão no mundo, enquanto enquadrado nos *Mandamentos Sagrados que formam a sua verdadeira estrutura, mais forte que nós, pobres homens e miseros mortais, que é anterior a nós e há de ser, ainda que o não queiramos, o grande lema que nos pode assegurar continuidade e grande,—DEUS, PÁTRIA E TRADIÇÃO*.

Portanto, 1640 deve ser para nós a vontade e a realidade viva de durar, *de querermos continuar a ser inteira e integralmente portugueses*.

Festejar 1640, só se pode fazer numa perfeita identificação com a História Pátria e nunca, com a inteligência e o coração derrancado por ideologias que sejam a negação dos alicerces em que Portugal assenta e *tem de continuar a assentar, se quiser ser eterno*.

Senhoras e Senhores:

Vivemos um momento histórico, em que podemos verdadeiramente festejar a Restauração de Portugal.

A Nação vai sendo carrilada por pulso forte, firme e seguro, nos seus destinos e na sua verdadeira finalidade.

Identificamo-nos cada vez mais, com os quarenta conjurados que levantaram Portugal inteiro em 1640 e somos bem, guardadas as distancias do tempo, os *portugueses de há três séculos, pois como eles, vamos reconquistando Portugal, integrando-o na sua verdadeira história, acordando-o do sono e dos pesadelos que pareciam tê-lo morto*.

Hoje, como há três séculos, restabelecemos a nossa vida interna e externa, mostramos ser fortes para resistir a todos os embates, força que reside na vossa fé e patriotismo, incapaz de ser quebrado ou vencido.

Temos vencido, porque nos fizemos mais portugueses, e havemos de chegar ao fim, porque temos de querer sempre e cada vez mais, ser dignos de sangue dos nossos Pais.

Se esta data, a maior da nossa História, foi sempre uma página de meditação no devocionário da Pátria, hoje neste *Ano Aureo em que festejamos oito séculos de História e três de Restauração*, só no estado de graça e de mãos erguidas a podemos festejar; porque brilha muito alto e com o máximo de fulgôr, a chama de Portugal; *porque todo o Império resa nas suas cate-drais e ermidas*.

A Restauração de Portugal que hoje comemoramos volvidos três séculos, mostra-nos que toda a Revolução para frutificar e ter cunho nacional, tem de vincar as leis da *raça* e da *tradição*, tem de ter limitações no campo jurídico e moral; no primeiro, deve ter como limitação os princípios morais que informam a estrutura secular do *agregado nacional* e no segundo, as leis em que esse agregado moldou a sua consciência, ou *sejam os princípios reli-*





